

## A DUPLA ARTICULAÇÃO DA LINGUAGEM

Anna Maria Viegas

Com a sistematização dos princípios básicos que regem a análise da comunicação, a Lingüística Estrutural tornou-se capaz de fornecer aos que se ocupam do estudo da linguagem um instrumental de trabalho adaptável à visão científica do fenômeno expressivo. Admitida a dicotomia *língua* e *fala* (*código* e *mensagem* para Martinet), a linguagem passa a ser caracterizada como instituição social, produto da vida em comunidade, cuja função primordial é não apenas expressar, mas principalmente expressar com intenção de comunicação.

Constatamos três níveis fundamentais na atividade da linguagem: um nível primário, de mera expressão inarticulada e desorganizada (onde podemos incluir a «*linguagem animal*», os gritos e ruídos produzidos pelo homem), via de regra ocorrendo em contextos emocionalmente carregados; o nível mais elaborado de *representação*, expressão consciente, organizada e intencional; e o nível da *simbolização*, quando essa representação aparece sistematizada e institucionalizada por um corpo de convenções sociais.<sup>1</sup>

A Lingüística atua na esfera da simbolização. Tendo como objeto de estudo a *língua*, sistema de signos convencionais, define essa língua como *estrutura*. Ou seja: um corpo de articulações.

Não é apenas na dicotomia *oposições / contrastes*, quando vemos os elementos se organizarem nos dois planos *paradigmático* e *sintagmático*, que essas articulações se manifestam. Na sua atualização em forma de mensagem, os signos lingüísticos têm articulação inesperada, embora isso possa ser previsível na estrutura do código, e criações mais inesperadas ainda vão determinar novas formas (ou normas) paradigmáticas e/ou novos valores para as manifestações de fala. Na verdade, a escolha individual entre possibilidades latentes de instrumento de comunicação institucionalizado no seio de uma comunidade, como ato de fala, significa: de um lado, uma maneira específica de análise de experiência humana em termos de expressão culturalmente constituída; de outro, a efetivação daquela escolha em contexto pessoal, atitude que lhe dá forma e estilo. Se à Lingüística propriamente dita caberá a descrição daquele primeiro corpo de articulações, um outro trabalho

não menos lingüístico (domínio estilístico) será delinear os traços sócio-culturais e psicológicos que aí se insinuam no lance de atuação da mensagem.

Traços efêmeros? Tão logo aceitos, acabam por inserirem-se no código, chegando a passar de propriedade individual para o status de reserva sócio-cultural institucionalizada. Eis onde, talvez, a dificuldade de especificação do objeto de estudo da Estilística. Quanto às técnicas de análise, pensamos, e pela mesma razão, não devem ser diferentes daquelas que possibilitam o levantamento da estrutura do código. A questão fica posta no que diz respeito aos verdadeiros limites entre Lingüística e Estilística. Se o objeto de estudo não cria perspectivas, mas as perspectivas é que definem o objeto, é possível que nossa questão se resolva pela constatação de perspectivas iguais orientando técnicas de pesquisa semelhantes, senão as mesmas.

Vejamos um exemplo: o uso do pronome *você*. No Brasil é um tratamento íntimo, em competição com o uso da segunda pessoa *tu* em boa parte do território, embora por razões históricas (fruto de evolução de *Vossa Mercê*), encaminhe o verbo para a terceira pessoa do singular. Em Portugal, esse uso é ainda fiel à evolução histórica do pronome de tratamento, dirigindo-se entretanto a subalternos ou «pessoa de baixa condição» (segundo o Dicionário de Cândido de Figueiredo).<sup>2</sup> Em Portugal, esse uso é universal e institucionalizado. No Brasil, ele é regional, característico da fala oral, ainda não institucionalizado e, como percebemos, de valor bem distinto do uso do português, tanto no que diz respeito à sua situação dentro do código, como, em consequência, no que diz respeito à sua posição na mensagem. Isso determina: 1º) estilos da língua diferentes, nesse caso, entre Portugal e Brasil; 2º) valores individuais peculiares, na fala brasileira, explorados diferentemente tanto para o *tu* como para *você*. Se a institucionalização de tais valores se consuma e/ou se universaliza, a sua descrição sairá do domínio chamado estilístico e cairá nos limites paradigmáticos do patrimônio lingüístico.

Devemos então concluir que a Estilística explora o efêmero extralingüístico, e ainda por cima apenas efêmero, e a Lingüística a mesma coisa, só que depois de já institucionalizada? É o que a observação nos leva a supor. Certos termos usados pelos teóricos da Estilística, tais como «desvio», «efeito», «conteúdo afetivo», além de outros, parecem confirmar a hipótese.

No plano lingüístico, é Martinet quem se ocupa de caracterizar as articulações que sustentam o processo da comunicação humana através da linguagem discursiva. Em consequência de minuciosa definição de língua, aí visualiza uma dupla articulação.<sup>3</sup>

«A primeira articulação, diz Martinet, é aquela segundo a qual todo fato de experiência a transmitir, toda necessidade que se deseja dar a conhecer, se analisa numa série de unidades dotadas cada uma de forma vocal e de significado». É «a maneira pela qual se ordena a experiência comum a todos os membros de uma comunidade lingüística determinada».

Um simples grito de dor, inalisável e inserido no contexto da expressão, pode ser o mesmo em comunidades diferentes. Já a construção «estou com dor de cabeça», na exemplificação de Martinet, além de ser analisável em unidades dotadas de uma expressão fônica e de um conteúdo semântico, será também diferentemente construída conforme o sistema lingüístico em que se situa. Assim, em Francês direi «j'ai mal à la tête», em Italiano «mi duole il capo» como em Espanhol «me duele la cabeza». Para Martinet, o fato de um brasileiro também poder dizer «a cabeça me dói», ou um francês «la tête me fait mal», é indiferente. Importante é a diferente visão da realidade: para o francês e até para o brasileiro, o sujeito sofre; para o espanhol e para o italiano, a cabeça é que sofre. No primeiro caso, a expressão da dor é nominal, no outro é verbal. E mais: se por acaso encontramos estruturas idênticas em comunidades distintas, essa identidade seria fruto de mera coincidência de condicionamentos, e habitualmente o é, em geral distintos.

O domínio, portanto, da primeira articulação estabelece a organização específica de unidades significativas **estou, dor, cabeça**, com auxílio de instrumentos gramaticais ou elementos de ligação. É através dessas estruturas que podemos estabelecer que, em língua portuguesa, o adjetivo se articula com o substantivo num sistema de concordância nominal fixo, por exemplo, o advérbio com o verbo permanecendo invariável, o sujeito com o predicado, e assim por diante, domínio em suma das articulações sintáticas.

Observando, entretanto, as unidades da primeira articulação, percebemos que elas também, consideradas individualmente (e até sintaticamente), são constituídas de outras unidades menores que se organizam sucessivamente numa cadeia sonora. A unidade /dor/, por exemplo, é formada de três elementos discretos /d/, /o/, /r/, o que, no corpo da língua, me permite distinguir dor de pôr, cor, dar, par, etc. A sucessão ordenada dos determinantes distintivos que encontramos nessas unidades é o domínio da segunda articulação.

Depois disso, podemos observar que não existe, em termos genéricos, uma unidade de base, lingüisticamente falando. Ainda aqui é a perspectiva que define o objeto de estudo. Se me coloco da perspectiva do fato de comunicação, a unidade mínima será uma estrutura de frase, um enunciado do tipo «estou com dor de cabeça» ou equivalente, sintaticamente caracterizado como sintagma. Da perspectiva da primeira articulação, a unidade mínima significativa é denominada monema. Da perspectiva da segunda articulação, essa unidade mínima já seria o fonema ou unidade distintiva da língua.<sup>4</sup>

Chegamos assim ao conceito descritivo do funcionamento da língua estabelecido por Martinet:

«Uma língua é um instrumento de comunicação segundo o qual a experiência humana se analisa, diferentemente em cada comunidade, em unidades dotadas de um conteúdo semântico e

de uma expressão fônica, os monemas; essa expressão fônica se articula por sua vez em unidades sucessivas e distintas, os fonemas, em número determinado em cada língua, cuja natureza e relações mútuas diferem também de uma língua para a outra.»

Implicações importantes decorrentes desse conceito: 1º) «reservamos o termo língua para designar um instrumento de comunicação duplamente articulado e de manifestação vocal»; 2º) «fora essa base comum, tudo o que é propriamente lingüístico pode diferir de uma língua para outra».

«Nesse sentido, dirá também Martinet, é que devemos compreender a afirmação de que os fatos de língua são 'arbitrários' e 'convencionais'.» E nestes termos, diremos nós, é que podemos identificar a manifestação estilística na sua natureza de fenômeno lingüístico, como sugerimos atrás. Se «tudo o que é propriamente lingüístico pode diferir de uma língua para a outra», parece-nos que tudo aquilo que é lingüístico pode igualmente diferir de época para época, de grupo para grupo, de mensagem para mensagem. As variações que se observam na atualização de fala, aquela transposição do código para a mensagem, a literatura ou o diálogo no cotidiano, eis o que a Estilística vem procurando. E encontra: na própria dinâmica da mimese. Nessa dinâmica, o simulacro (ao modificar o real, e exatamente por modificá-lo) denuncia a existência da atuação do imaginário na expressão da mensagem. Essa atualização levará à transformação ou criação estilística.

Para Mounin, a estrutura da dupla articulação de Martinet teve por mérito situar o fenômeno da linguagem discursiva, enquanto organização sistemática, em relação a outros fenômenos que serviriam à facilidade de comunicação.<sup>5</sup> É importante a caracterização distintiva do sistema da língua (em relação a outros sistemas) como estrutura duplamente articulada. Trata-se de contribuição didática significativa. Se saímos, entretanto, do terreno da mera necessidade de distinção e levantamos a hipótese de que outros tipos de linguagem, muito especialmente no domínio das artes plásticas, também se estruturam e se organizam de forma específica, embora em planos distintos, aparece a necessidade de sistematização análoga desses outros contextos de comunicação em articulações pertinentes. Uma nova distinção se impõe: entre a situação do signo lingüístico num contexto semiológico mais amplo e a sua situação em relação a cada um dos outros tipos de signo em seus respectivos contextos. Em suma, o estabelecimento das articulações de cada tipo de signo em cada tipo de código, no mesmo esforço de conceituação de sua sistemática de relações já realizado no campo da linguagem discursiva. Assim, por exemplo, o esforço que vem sendo feito por Metz e Umberto Eco no que diz respeito à linguagem cinematográfica (por mais discutível), e também outros.

Pensem agora, no entanto, na caracterização das variantes articulatórias atinentes ao valor lingüístico nas expressões de época,

de grupo e individuais. Não seria esse o trabalho estilístico? Na verdade é um trabalho muito amplo: refere-se às relações expressas entre uma determinada consciência e todo um mundo de circunstâncias e circunstâncias; refere-se ainda às relações, na mensagem, entre as escolhas lingüísticas correspondentes a cada uma das atitudes daquela consciência falante diante do mundo que vivencia. Como a Semântica, a Estilística também se dá conta do referente ao examinar seus valores de referência no processo da significação. Também aqui a visão de Barthes ao interpretar o processo da mimese na comunicação se torna extremamente fecunda.<sup>6</sup>

Depreende-se então que o fundamental no estabelecimento da dupla articulação lingüística não se limita ao aspecto didático da questão. Além de situar o fenômeno da linguagem como fenômeno antropológico e realidade cultural, caracteriza também a criação individual no ato de fala.

E novamente encontramos a Lingüística na função de metalinguagem da comunicação simbólica. É desse ponto de vista que Roland Barthes considera a Semiologia<sup>7</sup> como «aspecto» da Lingüística Estrutural. Teoria geral dos signos, a Semiologia tratará da expressão através dos diversos tipos de código, mas utilizará para isso a metodologia e até a terminologia da Lingüística Estrutural. É, na verdade, a Lingüística assim entendida que empresta à Semiologia perspectiva e status de ciência.

## NOTAS

1. Nossa observação nada tem a ver com os níveis da linguagem em Bühler.
2. FIGUEREDO, Cândido de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa/Rio de Janeiro, Bertrand/Jackson, 5ª edição, volume II, verbete você. O emprego é também registrado por Aurélio desde a sua primeira edição.
3. MARTINET, André. *Éléments de Linguistique Générale*, Paris, Armand Colin, 1960, pp. 17-19. Na tradução portuguesa de Morais-Barbosa, Martins Fontes Editora Ltda., 1978, pp. 10-12.
4. Martinet trata o fonema como unidade distintiva. Essa concepção é pouco saussuriana. A perspectiva saussuriana nesse particular, e que é também nossa, considera o fonema como feixe de traços, sendo um desses traços, o chamado traço pertinente ou pertinência, aquele que aparece como elemento distintivo.
5. MOUNIN, Georges. *Définitions récentes du langage*, na revista *DIOGÈNE*, Paris, 1960, nº 31, juillet-septembre, pp. 99-112. Veja-se também *Clefs pour la Linguistique*, Paris, Seghers, 1968, cap. III. Em tradução portuguesa de José Meireles, Martins Fontes, 1976.
6. Sobre o imaginário no processo da significação, ver Roland BARTHES, *Atividade Estruturalista*, in *Crítica e Verdade*, Coleção «Debates» da Editora Perspectiva, São Paulo, 1970, pp. 49-53. Ver também nosso trabalho *O método estruturalista*, Suplemento Literário do MINAS GERAIS, nº 594, pp. 149-150.
7. Cf. revista *COMMUNICATIONS*, apresentação ao nº 4, Paris, Seuil. Izidoro Blikstein traduziu o texto para o Português sob o título de *Elementos de Semiologia*, São Paulo, Cultrix, 1979.